

# Os Quatro Seres Vivos em Ezequiel (III). Uma análise linguística de Ez 1,4-14

## Resumo

*Na visão inicial do livro de Ezequiel o profeta descreve quatro seres misteriosos, portadores da Glória de Deus. A tradição vê nestes quatro Querubins os portadores do Evangelho Quádruplo que nos revela a presença de Deus no meio do povo da Nova Aliança. Neste artigo, o autor analisa o texto hebraico de Ez 1,4-14 para descobrir as características destes quatro Anjos e o que eles nos ensinam sobre a Glória de Deus. Seguindo a dinâmica do texto, é tratada no começo a descrição dos fenômenos cósmicos da teofania. Depois se segue a análise dos quatro portadores de Deus: seu corpo, mãos e pés, asas e rostos, e finalmente seu movimento e irradiação. Concluindo, se destaca nestes Seres Vivos a função de mediadores, porque eles participam do mundo transcendente de Deus de um lado, e de outro lado reúnem em si os elementos mais nobres do mundo terreno.*

## Summary

*In the initial vision of the book of Ezekiel the prophet describes four mysterious beings, carriers of the Glory of God. Tradition interprets these four Cherubim as carriers of the fourfold Gospel that reveals the presence of God among the people of the New Covenant. In this article the author analyses the Hebrew text of Ez 1,4-14 in order to discover the characteristics of these four Angels and what they teach us concerning the Glory of God. Following the dynamics of the text the article starts with a description of the cosmic phenomena of the theophany. Afterwards it concentrates on the analysis of the four carriers of God: their body, hands and feet, wings and faces, and finally their movement and irradiation. In conclusion will be demonstrated the function of mediators in these Living Beings, because they participate, on the one hand in the transcendent world of God, and on the other hand they gather within themselves the most noble elements of the human world.*

## I. Introdução

A visão dos quatro Seres Vivos em *Ez* 1,4-14 é uma das mais impressionantes do AT. O profeta Ezequiel, como também o faz São João no Apocalipse, monta uma imagem em cima da outra para descrever os misteriosos portadores da Glória de Deus. Ou talvez seja a sua impossibilidade de exprimir o que ele viu que o faz recorrer a esta arte, para assim revelar e encobrir ao mesmo tempo a natureza inefável destes seres.

Neste artigo queremos analisar o texto em questão, versículo por versículo, explicando todas as palavras que são particularmente significativas para o nosso fim. Partimos sempre do texto hebraico do livro de Ezequiel, como o lemos na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*.

A Bíblia nos ensina que devemos dar atenção a cada elemento da nossa linguagem, cada palavra, por menor que seja, é portadora de um significado, e todos os elementos juntos compõem a obra de arte, como as pedras de um mosaico. No último artigo<sup>1</sup> contemplamos a estrutura do texto do mesmo modo, por assim dizer, como um arquiteto contempla uma casa: ele vê a estrutura, as medidas, o material, os elementos externos do edifício. Agora, vamos entrar na casa e contemplar seu interior: suas salas, os quadros nas paredes, a pintura dos quartos, o mobiliário, o acabamento de todos os elementos internos. Queremos esforçar-nos para captar todos os elementos desta requintada construção sem deixar escapar algum elemento significativo para a interpretação destes quatro seres espirituais que o profeta chama também de Querubins.

Tampouco queremos perder de vista o contexto histórico e literário: Ezequiel, ele mesmo deportado com os seus irmãos judeus, é enviado por Deus para consolar o povo escolhido no exílio babilônico. As notícias da destruição de Jerusalém e do templo desanimaram o povo, porque então parecia impossível que as promessas salvíficas de Deus se iriam realizar. O retorno está longe ainda, a pátria destruída e até o templo, o lugar da presença de Deus, está em ruínas. Longe, também, está a garantia de que as profecias messiânicas um dia se poderão realizar, dando ao povo de Israel a liberdade e a paz. Será que ainda haverá salvação?

Nesta situação dramática Deus vem visitar o seu povo para dar-lhe conforto. Do mesmo modo como Ezequiel será o mediador para transmitir a seus contemporâneos esta mensagem consoladora da presença de

---

<sup>1</sup> Cf. *Sapientia Crucis* 9 (2008), 5-22.

Deus no meio do seu povo sofrido, assim os Querubins da visão são os mediadores que levam ao profeta a própria Glória de Deus.

## II. Análise linguística de Ez 1,4-14

### 1. Observações preliminares

Neste artigo queremos pesquisar o valor semântico das palavras e expressões usadas por Ezequiel na descrição dos seres misteriosos que levam o carro com a Glória de Deus para os exilados em Babilônia. Na procura do sentido exato do texto precisamos enquadrar Ezequiel entre os profetas e os outros escritos do AT. Estes dados, assim como os elementos gerais da cultura do médio oriente, nos ajudarão a compreendermos as imagens usadas pelo profeta na descrição da sua visão. A partir do valor simbólico das imagens queremos depois definir a natureza dos quatro portadores do Trono de Deus.

### 2. Análise de Ez 1,4-14

#### Versículo 4

וַיֵּרָא<sup>2</sup> introduz o nosso texto e é uma palavra chave no primeiro capítulo do livro de Ezequiel. Encontramos a forma breve no início dos versículos 4, 15 e 27, a forma mais longa, וַיֵּרָא<sup>3</sup> figura nos versículos 1 e 28, e a forma וַיֵּרָא<sup>4</sup> está no versículo 27b. O verbo “ver” está posicionado em forma concêntrica: com maior freqüência no início e no fim, e uma vez no centro, exatamente onde começa uma nova unidade de texto. Relacionadas com esta palavra estão as diferentes formas de מַרְאֵה<sup>5</sup>. É interessante que este substantivo aparece somente em proximidade do verbo רָאָה<sup>6</sup>. Este fato confirma a nossa interpretação do texto: o profeta teve realmente uma aparição, ele experimentou realmente aquilo que nós encontramos por escrito e que é somente uma tentativa para exprimir a visão das coisas celestes com palavras humanas.

---

<sup>2</sup> wā<sup>3</sup>ērê – e eu vi.

<sup>3</sup> wā<sup>3</sup>ēr<sup>3</sup>ê – e eu vi.

<sup>4</sup> rāîtî – e eu vi (em qatal, a forma do tempo perfeito no hebraico).

<sup>5</sup> mar<sup>2</sup>ê – aspecto; cf. v. 1, 5, 13, 14, 16, 26, 27, 28.

<sup>6</sup> r<sup>3</sup>h – ver.

Fica sem resposta a pergunta se Ezequiel viu o carro de Deus numa visão puramente espiritual, ou se o viu com seus olhos corporais. Mas certamente esta visão fora para o profeta uma realidade, que mais tarde relatou. A primeira parte da teofania era somente uma visão. Somente a partir do v. 24 é necessária também a audição para escutar o rumor das suas asas.<sup>7</sup> Depois o profeta usará ainda mais dois de seus sentidos: em 2,8 ss. se pedirá a Ezequiel para comer o rolo do livro, que tem um sabor doce,<sup>8</sup> e no final da visão o profeta relata que a mão do Senhor pesava sobre ele,<sup>9</sup> o que poderia ter percebido com o tato. Pela missão que Deus confia ao homem, Ele toma posse de todas as capacidades do homem, da sua pessoa inteira. Talvez não somente o conteúdo doloroso da sua mensagem e a resistência anunciada do povo<sup>10</sup> foi uma prova dura para a coragem de Ezequiel,<sup>11</sup> mas talvez fosse exatamente a consciência de estar possuído por Deus, de não mais ser senhor de si mesmo, o que pôs à dura prova o nosso profeta.

A רִיחַ<sup>12</sup> determina Ezequiel em v. 4 com סְעָרָה<sup>13</sup>, então como vento tempestuoso. Encontramos esta expressão também em Isaías e Jeremias<sup>14</sup>, os quais, como geralmente faz Ezequiel, descrevem com ela a ira de Deus, que na natureza se manifesta como uma tempestade ou outro fenômeno que cause pavor. Os salmos<sup>15</sup>, no entanto, usam estas palavras para falar da tempestade como fenômeno natural que obedece à voz de Deus.

Deferente é a situação em *Ez* 1,4: aqui a tempestade se torna arauto da teofania. De maneira semelhante fala o Senhor a Jó<sup>16</sup> de dentro da

---

<sup>7</sup> Como a aparência dos Seres Vivos é um espelho daquele que está no trono, assim também o rumor das asas, que é sua manifestação acústica, coloca-os na proximidade de Deus, cuja voz, na Sagrada Escritura, é comparada com o rumor das águas: cf. *Ez* 1,24-25; 10,5; 43,2; *Ap* 1,15; 14,2; 19,6.

<sup>8</sup> Cf. *Ez* 3,3.

<sup>9</sup> Cf. *Ez* 3,14.

<sup>10</sup> Cf. *Ez* 2,3-7.

<sup>11</sup> Cf. *Ez* 3,15.

<sup>12</sup> רִיחַ – espírito ou vento.

<sup>13</sup> סְעָרָה – tempestade.

<sup>14</sup> Cf. p.ex. *Is* 29,6 e *Jr* 23,19.

<sup>15</sup> Cf. *Sl* 107 e 148.

<sup>16</sup> Cf. *Jó* 38,1 e 40,6.

tempestade, enquanto que nos profetas Zacarias<sup>17</sup> e Naum<sup>18</sup> a tempestade será o carro de Deus, por sua vez, o profeta Elias, é transportado para a esfera de Deus na tempestade.<sup>19</sup>

Porém, no v. 12, a רוּחַ<sup>20</sup> tem um significado diferente, porque tem a tarefa de coordenar e dirigir os Seres Vivos no seu movimento em comum. Não combina com a aparição da glória de Deus a imagem de um veículo, lançado para lá e para cá, à mercê do vento. Neste versículo a palavra significa o Espírito de Deus que dá vida e que fez de Adão no paraíso um ser vivente.<sup>21</sup> Igualmente nos outros lugares onde aparece רוּחַ<sup>22</sup> nos primeiros três capítulos do livro de Ezequiel esta palavra não pode significar vento ou tempestade, mas sim uma força animadora que vivifica os seres e dá ao próprio profeta novo ânimo de vida.<sup>23</sup>

O fato de que o vento vem do norte corresponde aos dados da natureza do local, já que durante o verão, na região do Iraque, prevalece o vento proveniente do noroeste que até várias vezes num só dia pode tornar-se um vendaval.<sup>24</sup> As muitas e fortes tempestades vindo do norte fizeram provavelmente desta direção o símbolo da desgraça e provação. Assim em Jr 1,14, a desgraça sobrevém sobre o país, vinda do norte sob a forma dos exércitos inimigos. Wevers, pelo contrário acha que uma tempestade em Junho seria um acontecimento bastante raro.<sup>25</sup> Bertholet explica que o caminho normal de Jerusalém para Babilônia passa através da Síria. Se a Glória do Senhor seguiu este caminho também deveria chegar do norte para o profeta no exílio.<sup>26</sup>

Por outro lado, a religiosidade do oriente antigo colocava a morada dos deuses numa montanha no norte, o que se vê refletido também em

---

<sup>17</sup> Zc 9,14.

<sup>18</sup> Na 1,3; mas o texto escreve *sin* em vez de *samek*.

<sup>19</sup> Cf. 2Rs 2,1.11.

<sup>20</sup> רוּחַ – *espírito* ou *vento*.

<sup>21</sup> Cf. Gn 2,7; neste lugar usa-se a palavra נְשָׁמָה *nəšāmāh* – *respiro*. Em Gn 6,3 encontra-se a palavra רוּחַ – רוּחַ<sup>22</sup> indicando o sopro de vida que o homem recebeu de Deus.

<sup>22</sup> רוּחַ – *espírito* ou *vento*.

<sup>23</sup> Cf. Ez 1,20.21; 2,2; 3,12.14.

<sup>24</sup> Cf. GREENBERG, *Ezechiel*, 66-67.

<sup>25</sup> Cf. J. W. WEVERS, *Ezechiel* (NCBC), Grand Rapids 1982, 43.

<sup>26</sup> Cf. A. BERTHOLET, *Hesekiel*, em: *Handbuch zum Alten Testament* I, 13, Tübingen 1936, 5.

Is 14,13. Mas com razão afirmam Allen e Greenberg que seria inconveniente pensar que o Deus de Israel viria de um Olimpo pagão. Porém, a veneração dos deuses estrangeiros foi também causa da provação que YHWH enviou para seu povo Israel.<sup>27</sup> E o profeta Ezequiel menciona várias vezes que este abominável ídolo estava erguido no lado norte do templo de Jerusalém. Deste lado também caiu, na sua visão profética, a vingança sobre o templo.<sup>28</sup> Será que a Glória do Senhor não deveria visitar o seu povo rebelde<sup>29</sup> durante a dura provação do exílio babilônico para lhe falar pela pessoa do profeta e oferecer-lhe a salvação, exatamente chegando desde o norte?

A nuvem e o fogo são sinais típicos que acompanham uma teofania.<sup>30</sup> São as testemunhas da transcendência e incomensurável grandeza de Deus. Pois se nenhum ser humano pode resistir ao poder de Deus, também as nuvens e um grande incêndio escapam da força dominadora do homem. Em *Ex* 9,24 encontramos também a expressão אֵשׁ בֹּמְתֵלֵקֶחֶת – “fogo flamejante”<sup>31</sup>, que poderia significar os relâmpagos no ambiente de uma tempestade com queda de pedras de gelo. Relâmpagos acompanharam igualmente a teofania no Sinai.<sup>32</sup> Podemos concluir que o fogo, que acompanha a aparição de Deus, geralmente significa os relâmpagos. Também encontramos no *Salmo* 17 a palavra נֹגַהּ<sup>33</sup> como esplendor que acompanha Deus na sua aparição.

É difícil a interpretação de חֲשִׁבֹל<sup>34</sup>. Esta palavra que a Vulgata traduz com *electrum* pode significar o âmbar que vem da resina, ou também uma liga de ouro e prata, o ouro branco.<sup>35</sup> Decidimo-nos pela segunda possibilidade, apoiada também por Zorell e Koehler-Baumgartner,<sup>36</sup> porque o ouro branco corresponde melhor ao esplendor da aparição.

---

<sup>27</sup> Cf. *Ez* 20,21-39.

<sup>28</sup> Cf. *Ez* 8-9.

<sup>29</sup> Cf. *Ez* 2,8.

<sup>30</sup> Cf. p.ex. *Ex* 19,9-18; 24,16-17; *Sl* 18,8-16.

<sup>31</sup> ʔēš miṭlaqqāḥaṭ.

<sup>32</sup> Cf. *Ex* 19,16.

<sup>33</sup> nōḡah – *esplendor*.

<sup>34</sup> ḥašmal.

<sup>35</sup> Cf. ALLEN, *Ezekiel*, 26.

<sup>36</sup> Cf. ZORELL, חֲשִׁבֹל, 276; L. KOEHLER – W. BAUMGARTNER, חֲשִׁבֹל, HALAT I, 348.

## Versículo 5

Neste versículo aparecem pela primeira vez os Seres Vivos: חַיִּיֹת <sup>37</sup>. No Antigo Testamento o substantivo חַיִּיֹת <sup>38</sup> designa um ser vivo ou um animal para distingui-lo de uma planta que não se move. A palavra oferece-nos um lindo paralelo a *Gênesis* 2,7: o homem, ao qual Deus comunica o seu espírito de vida, se torna um נֶפֶשׁ חַיִּיֹת <sup>39</sup>, um ser vivente e até espiritual. Em relação aos quatro Seres Vivos, Ezequiel indica que são dirigidos pelo espírito<sup>40</sup> e que o espírito dos seres está também nas rodas.<sup>41</sup> Além disso, mencionam-se várias vezes que os seres têm aspecto humano.<sup>42</sup> Este detalhe fortalece ainda mais a ligação com *Gn* 2,9. O aspecto humano dos Seres Vivos indica que eles estavam de pé, erguidos sobre suas pernas.<sup>43</sup> Por isso, eles também podem possuir mãos<sup>44</sup> e não quatro pernas ou patas iguais.

A figura humana distingue os Seres Vivos de Ezequiel claramente dos querubins babilônicos que estavam deitados como guardas diante dos templos daquele país. Estes tinham um corpo de leão com asas e rosto humano. Igualmente não é muito acentuada a função de guarda no relato de Ezequiel. Por isso, não podemos afirmar que os Seres Vivos de Ezequiel sejam iguais aos *karibu*<sup>45</sup> da Babilônia.

As חַיִּיֹת <sup>46</sup> em *Ez* 1 são figuras misteriosas e as muitas comparações que o profeta usa ao descrevê-las, aduzindo às coisas do mundo de nossas experiências, são como as pedras de um mosaico que formam uma imagem completa que, como tal se subtrai da nossa imaginação e experiência. Os portadores da glória de YHWH já estão submergidos na esfera divina e, por isso, revelam-nos a transcendência e o poder de Deus. Por outro lado

---

<sup>37</sup> ḥayyôt – No nosso texto, os Seres Vivos sempre aparecem no plural; cf. v. 5, 13, 14. Nos versículos 20-22 usa-se o singular.

<sup>38</sup> ḥayyah – *ser vivo, animal*.

<sup>39</sup> nepeš ḥayyah – *ser vivo, alma viva*.

<sup>40</sup> Cf. *Ez* 1,12.20.

<sup>41</sup> Cf. *Ez* 1,19.21.

<sup>42</sup> Cf. *Ez* 1,5.8.10.

<sup>43</sup> Cf. GREENBERG, *Ezekiel*, 68.

<sup>44</sup> Cf. *Ez* 1,8.

<sup>45</sup> Seres com corpo de leão, rosto humano e asas que guardavam os templos e palácios na Babilônia.

<sup>46</sup> ḥayyôt – *seres (vivos)*.

é necessário que eles se distingam dos seres humanos para poder cumprir sua grande tarefa.

Apesar desta proximidade ao incompreensível, há também elementos que os aproximam a nós. Já mencionamos a sua figura humana. Particularmente o seu número de quatro insere-os no nível das criaturas: o número 4 é muito ligado com o nosso mundo e com o homem: pensamos nas quatro direções e nos quatro elementos<sup>47</sup>, os quais compõem todos os seres deste mundo segundo os antigos filósofos gregos. Também no paraíso aparece o número quatro: são quatro os rios que irrigam a terra.<sup>48</sup> Nós, homens, partilhámos com os outros mamíferos, com as aves e muitos outros répteis e anfíbios as quatro extremidades. Os romanos dividiam a noite em quatro vigílias. A forma primitiva e original de todos os templos e casas é retangular. E mesmo na visão do templo de Ezequiel o número 4 tem grande importância: ele contém quatro altares para os holocaustos,<sup>49</sup> o altar tem quatro chifres,<sup>50</sup> o degrau do altar tem quatro cantos,<sup>51</sup> tantos quantos igualmente possui o átrio<sup>52</sup> e o templo contém quatro pátios.<sup>53</sup> No culto de YHWH, aqui na terra, o número 4 tem um grande significado. Assim, pelo seu número de quatro, podemos ver nos portadores da glória de Deus os representantes de toda a criação diante do trono de Deus.<sup>54</sup> Eles são mediadores que aproximam a majestade de Deus a nós criaturas, como igualmente servem como representantes da criação adorando na presença de Deus.

## Versículo 6

Neste versículo aprendemos que os quatro Seres Vivos têm cada um quatro rostos e quatro asas. O número quatro é como que elevado em potência.

---

<sup>47</sup> Fogo, água, terra, ar.

<sup>48</sup> Cf. *Gn* 2,10.

<sup>49</sup> Cf. *Ez* 40,42.

<sup>50</sup> Cf. *Ez* 43,15.20.

<sup>51</sup> Cf. *Ez* 43,20; 45,19.

<sup>52</sup> Cf. *Ez* 46,21-22.

<sup>53</sup> Cf. *Ez* 46,23.

<sup>54</sup> Cf. J. LAMELAS MÍGUEZ, *Ezequiel*, em: *Comentario al Antiguo Testamento II*, Madrid – Salamanca <sup>2</sup>1997, 190.



Podemos constatar um desenvolvimento na Sagrada Escritura: os querubins em cima da Arca da Aliança e no santuário do templo tinham, provavelmente, somente duas asas. Eles estendiam as asas e estas se tocavam.<sup>55</sup> Os Seres Vivos em *Ez* 1 que o profeta identifica como querubins no capítulo décimo, possuem quatro asas. Os Seres em *Ap* 4 possuem seis asas cada um.<sup>56</sup>

Ernst Vogt fez um estudo interessante sobre os quatro rostos dos Seres Viventes.<sup>57</sup> Primeiro se refere à dificuldade da interpretação: a posição dos rostos não é totalmente esclarecida<sup>58</sup> e a novidade de um ser com rostos diferentes que não tem uma representação correspondente no mundo da cultura oriental.<sup>59</sup> Ao contrário, a descrição dos querubins no templo indica, claramente, que tinham um rosto só, que estava voltado numa certa direção. Por isso, também os querubins da arca não podem servir como modelo para *Ez* 1.<sup>60</sup> Depois Vogt demonstra que, para a palavra פְּנִים<sup>61</sup> é assegurado o significado “aparência”.<sup>62</sup> *Ez* 1,4, portanto, poderia significar uma quádrupla aparência,<sup>63</sup> que no versículo 10 é descrito com mais detalhes. Junto com v. 7 Vogt dá a seguinte interpretação das quatro aparências: do homem os Seres Vivos têm o rosto, do leão o corpo, do touro as pernas e das águias as asas.<sup>64</sup> Não nos satisfaz, porém, a diferença de direita e esquerda em 1,10. Ernst Vogt oferece-nos uma solução: Os querubins parecem seres humanos com metade do corpo como leão e metade do corpo como touro.<sup>65</sup> À direita têm aparência de leão, e à esquerda aparência de touro.

Esta interpretação não nos convence. Porque nem a iconografia nem a literatura nos oferecem um exemplo de um ser dividido verticalmente

---

<sup>55</sup> Cf. *Ex* 25,20; 37,9; *1Rs* 8,7; *2Cr* 5,8.

<sup>56</sup> Além disso, os serafins em *Is* 6 têm seis asas e a pantera em *Dn* 7,6 tem quatro asas, mas não compartilha a função dos quatro Seres Vivos.

<sup>57</sup> VOGT, *Untersuchungen*, 72-88.

<sup>58</sup> Cf. ID., *ibid.* 72.

<sup>59</sup> Cf. ID., *ibid.* 73.

<sup>60</sup> Cf. ID., *ibid.* 74.

<sup>61</sup> panîm – rostos.

<sup>62</sup> Cf. VOGT, *Untersuchungen*, 76.

<sup>63</sup> Cf. ID., *ibid.* 76-77.

<sup>64</sup> Cf. ID., *ibid.* 82.

<sup>65</sup> Cf. ID., *ibid.* 83.

em dois animais diferentes. Por outro lado, parece existir certa confusão na descrição dos querubins como “esfinge alada”<sup>66</sup>, ou também como “homem-leão” ou “homem-touro” com asas<sup>67</sup>. Sabemos como difere a apresentação destes seres: a esfinge é deitada, enquanto os homens-leão e os homens-touro sempre estão de pé. Não há necessidade de atribuir aos seres de *Ez* 1 a aparência de uma esfinge, porque o v. 5 já fala da sua figura humana. Também o v. 7, na sua forma de texto atual, leva o leitor numa outra direção, porque as pernas retas de um touro dificilmente se deixam reconciliar com uma esfinge.

A palavra פְּנִים<sup>68</sup> aparece doze vezes no primeiro capítulo de Ezequiel. Com certeza não é possível traduzi-la com “aparência” nos versículos 8, 9, 12 e 28. Também, por isso, é difícil justificar a sua tradução com “quatro aparências” no versículo 10. Fiéis ao princípio de traduzir possivelmente palavras iguais com as mesmas palavras, neste trabalho continuamos a traduzir פְּנִים<sup>69</sup> com “rostos”. Um rosto quádruplo como o descreve *Ez* 1 tampouco conhece um correspondente na iconografia, mas é a tradução mais próxima e mais segura desta expressão. Também Zimmerli<sup>70</sup>, Allen<sup>71</sup> e Greenberg<sup>72</sup> seguem esta linha de pensamento.

Contemplando a iconografia do antigo oriente podemos deduzir um significado especial destes quatro rostos. Porque os vários rostos conferem a seus portadores a capacidade de olhar em várias direções ao mesmo tempo, assim ajudam no serviço de guarda, pois podem proteger o seu senhor com mais vigilância. Os quatro rostos, portanto, dão a possibilidade de olhar em todas as direções. E além disso, os seres podem, por meio dos seus quatro rostos, permanecer sempre na presença do seu senhor, sempre procurando sua face<sup>73</sup> e lendo a sua vontade para cumpri-la. Com os seres com vários rostos que, no antigo oriente, faziam de guarda, os quatro Seres de Ezequiel compartilham também a tarefa de salvaguardar certa distância entre a glória de YHWH que está sentado no trono acima de suas cabeças

---

<sup>66</sup> VOGT, *Untersuchungen*, 82.

<sup>67</sup> Cf. ID., *ibid.* 83.

<sup>68</sup> panîm – rostos.

<sup>69</sup> panîm – rostos.

<sup>70</sup> Cf. ZIMMERLI, *Ezechiel*, 23-26.

<sup>71</sup> Cf. ALLEN, *Ezechiel*, 31.

<sup>72</sup> Cf. GREENBERG, *Ezechiel*, 69.

<sup>73</sup> Cf. *Sl* 27,8.

e o mundo terrestre que tocam com os seus pés. Eles funcionam, portanto, como proteção e separação entre a esfera sobrenatural e a natural.

## Versículo 7

Nesta primeira descrição em geral dos Seres Vivos, alcançamos neste versículo o ponto mais baixo: a planta dos pés. Esta confere estabilidade aos seres, isto é, a capacidade de se instalar e estabelecer uma morada,<sup>74</sup> ou também a força de submeter um país ou uma pessoa.<sup>75</sup>

Combina com isso a imagem da força e energia juvenil que exprime o bezerro.<sup>76</sup> O fato que um touro novo e musculoso demonstre uma força indomável deveria ser a razão para os Israelitas no Sinai e, mais tarde, Jeroboão escolherem o bezerro como imagem de Deus.<sup>77</sup> Em 23 dos 35 lugares, no AT, onde aparece עֵגֶל<sup>78</sup> a palavra transmite a idéia de força.<sup>79</sup> Esta também deve ser inerente aos portadores da glória de Deus.

A expressão שְׂרָר<sup>80</sup> como também a observação de que os Seres Vivos têm figura humana<sup>81</sup> indicam que os quatro portadores do trono de Deus estavam erguidos sobre seus pés retos, e não deitados no chão sobre suas pernas dobradas. Quantas pernas tinham? A sua figura humana sugere duas. E estas estavam bem juntas, uma à outra, como se fossem uma só. Talvez por isso o profeta se exprimiu de maneira um pouco complicada: “e suas pernas: uma perna reta”.

Esta combinação estranha de figura humana e pernas de touro poderia também significar que os seres vêm de um outro mundo que transcende a nossa experiência e imaginação. O profeta serve-se de imagens do mundo das nossas experiências para falar de uma realidade para a qual não encontra as palavras adequadas. Por isso devemos sempre retornar

---

<sup>74</sup> Cf. *Gn* 8,9; *Ez* 43,7.

<sup>75</sup> Cf. *Dt* 11,24; *Js* 1,3; *IRs* 5,17; *Is* 60,14; *MI* 3,21.

<sup>76</sup> Cf. *Sl* 29,6; 68,31; *Jr* 31,18; *MI* 3,20.

<sup>77</sup> Cf. *Ex* 32,4-35; *Dt* 9,16.21; *Ne* 9,18; *Sl* 106,19; *IRs* 12,28.32; *2Rs* 10,29; 17,16; *2Cr* 11,15; 13,18; *Os* 8,6; 13,2.

<sup>78</sup> עֵגֶל – bezerro.

<sup>79</sup> Nos outros lugares trata-se de um bezerro como vítima para o sacrifício ou de um bezerro gordo para um banquete. Isaías usa o bezerro como símbolo da mansidão em 11,6 e também como sinal da solidão de um local em 27,10.

<sup>80</sup> שְׂרָר – reto.

<sup>81</sup> Cf. *Ez* 1,5.

para o valor simbólico das imagens singulares para interpretar a visão de modo correto.

Como último elemento neste versículo junta-se ainda o brilho como de bronze polido. Este se refere aos seres que, duas vezes neste versículo, são mencionados através de sufixos masculinos. Por isso, não devemos estranhar a forma masculina נִצְצִים<sup>82</sup> como suplemento dos Seres Vivos que geralmente são considerados gramaticalmente como femininos. O brilho que, no v. 4, rodeia a visão agora é próprio dos quatro seres. Mais tarde será atribuído ao carro e ao que está sentado no trono.<sup>83</sup> Neste último podemos descobrir a fonte que inunda tudo com este brilho de fogo.

### Versículo 8

O olhar do espectador se eleva outra vez e se fixa nas mãos humanas nos quatro lados. Surge uma nova pergunta: será que cada ser tem quatro mãos, ou todos juntos têm quatro mãos no total? São mãos humanas e, devido a este fato, parece que cada ser possui duas mãos debaixo de um par de asas. Porque não se indica que as asas estariam colocadas nas quatro direções como os rostos, o que justificaria a presença de quatro mãos debaixo das quatro asas. עַל אַרְבַּעַת רַבְעֵיהֶם<sup>84</sup> indica mais precisamente a mobilidade e como que onipresença das mãos, como é também o simbolismo dos vários rostos. Os seres podiam estender suas mãos nas quatro direções e, assim, fazerem-se presentes em todas as partes através de sua atuação. O autor não se cansa de repetir que cada um dos Seres Vivos possuía todas estas qualidades, também rostos e mãos.

### Versículo 9

Este versículo contém duas partes: o versículo 9a descreve a posição das asas, 9b a locomoção dos seres. Portanto, existe um nexos lógico entre os dois hemistíquios já que seres celestiais, na imaginação humana, se movem com a ajuda de suas asas.

Em *Ex* 26,3 encontramos duas vezes a mesma expressão como em *Ez* 9a. Ali, Moisés recebe as instruções para a fabricação da tenda da aliança, a morada de YHWH. Como ali o duplo conjunto de cinco cortinas

---

<sup>82</sup> nōṣṣāšîm – *brilhantes*.

<sup>83</sup> Cf. *Ez* 1,13.27-28.

<sup>84</sup> ʿal ʾarbaʿaṭ ribʿêhem – *nos quatro lados deles*.

delimita o lugar da presença de Deus, assim aqui os quatro pares de asas, tocando-se umas nas outras, rodeiam o trono de Deus sobre a terra. Certamente o autor, com sua maneira de exprimir-se, procura a proximidade com os lugares da presença de Deus na história de Israel. Isto será uma consolação para o povo no exílio e uma confirmação de sua função de profeta.

Os dois elementos de 9b formam a moldura do v. 12, em ordem inversa. O primeiro diz que os portadores, no seu caminhar, não precisavam virar-se para um ou para outro lado. O segundo elemento dá uma explicação para este fato que, no momento, ainda não satisfaz: os seres vão na direção que está de frente aos seus rostos, isto é, na direção para a qual olham seus rostos. Pelo uso de פָּנִים<sup>85</sup> como *plurale tantum*<sup>86</sup> pode ser negligenciada facilmente a possibilidade de traduzi-lo como plural: os seres podem correr em todas as direções para as quais olha cada um de seus rostos. Esta explicação nos surpreende, porque no v. 6 recebemos somente a informação que os seres possuem quatro rostos. O v. 9, porém, parece pressupor que estes olham nas quatro direções cardeais para possibilitar um movimento nessas direções sem a necessidade de virar-se. A posição dos quatro rostos será explicada no versículo 10. E a verdadeira solução da questão do movimento chegará no versículo 12: é o Espírito quem dirige os portadores.

Implicitamente este versículo nos indica que os quatro seres sempre correm na mesma direção, porque somente desta forma poderiam, segundo a nossa imaginação humana, suportar o trono de Deus. Portanto, eles sempre correm para a mesma meta, na direção de um de seus rostos. Conforme o v. 10 podemos concluir que todos os quatro Seres Vivos têm o mesmo rosto no mesmo lado do seu corpo. Destarte, todos os quatro correm na direção do rosto humano, ou do rosto de águia etc. Esta união no agir confere-lhes uma força múltipla e possibilita-lhes a execução de sua tarefa.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> panîm – rostos.

<sup>86</sup> Uma palavra que é usada somente em forma plural e geralmente traduzida como singular.

<sup>87</sup> Do outro lado os Seres Vivos podem agir também individualmente: cf. Ez 10,7; Ap 6,1-7; 15,7; cf. D. LAUNDERVILLE, *Ezekiel's Cherub: A Promising Symbol or a Dangerous Idol?*, em: *CBQ* 65 (2003) 167.



humana dos portadores, *Ez* 1,8 fala de suas mãos humanas, e agora v. 10 do seu rosto humano. *Ez* 1,26 atribuirá àquele que está sentado sobre o trono também um aspecto humano.

O texto em *Ez* 1,10 é muito sucinto: **וְדַמוֹת פְּנֵיהֶם פְּנֵי אָדָם**<sup>94</sup>. Parece quase categórico na sua posição enfática no início do versículo que, por sua vez, começa uma nova unidade dentro do texto. Neste primeiro rosto também falta o acréscimo **לְאַרְבַּעַתְסוֹן**<sup>95</sup> que segue os outros três rostos. Isto evoca a impressão de que a forma fundamental de seu rosto seja humana.<sup>96</sup> Certamente, a este rosto humano se juntam ainda o do leão e do touro nos dois lados, e o da águia no lado de trás, segundo a lógica. Mas estes elementos se somam na sua força simbólica somente como algo adicional e enriquecedor à forma básica do rosto, que é humana. Com isto o autor pode exprimir que os portadores de YHWH estão mais perto do mundo humano do que do mundo dos animais irracionais.

Porém, existem duas partes dos Seres Vivos às quais não se atribui uma forma humana: as asas que não existem no corpo humano, e as pernas que se igualam às de um bezerro. Uma hipótese para explicar os pés redondos de bezerro aonde não se vem os dedos, seria o uso de sapatos fechados. Porque a palavra usada no AT para designar o calçado, **נַעַל**<sup>97</sup>, significa uma sandália aberta, que era o calçado usual para os pés. Um sapato fechado seria algo extraordinário e a ponta redonda sem os dedos à vista poderia causar a impressão de um casco de touro. Mas este pensamento fica, por enquanto, somente uma hipótese. Não considerando as pernas, a forma humana é predominante nos Seres Vivos, com exceção das asas, que faltam no corpo humano.

O segundo rosto, no lado direito, é o de um leão. O leão foi considerado um felino muito perigoso e somente os homens mais fortes e corajosos conseguiram matar um leão.<sup>98</sup> Por outro lado, os leões às vezes se tornam executores dos castigos de Deus.<sup>99</sup> O povo de Israel e as tribos de

---

<sup>94</sup> ûḏamuṭ pōnêhem pōnê ʔādām – e a forma dos rostos deles: rostos de homem.

<sup>95</sup> ləʔarbatām/n – nos quatro deles/delas.

<sup>96</sup> Cf. M. EISEMANN, *The Book of Ezekiel. A New Translation with a Commentary Anthologized from Talmudic, Midrashic, and Rabbinic Sources*, (Art Scroll Tanach Series), New York 1977, 77.

<sup>97</sup> naʿal – calçado.

<sup>98</sup> Cf. p.ex. 2Sm 23,20.

<sup>99</sup> Cf. *IRs* 13,24-28.

Judá e Dan são comparados com um leão,<sup>100</sup> e finalmente Deus mesmo se designa um leão que protege com força a sua propriedade.<sup>101</sup> Ao lado do valor simbólico do leão como animal majestoso e que infunde medo, também o aspecto da presença protetora de Deus pode ter um significado na visão de Ezequiel, já que os exilados duvidavam do poder de Deus que os tinha entregado nas mãos dos inimigos. Ezequiel mostrar-lhes-á a causa deste castigo e simultaneamente lhes anunciará a atuação salvadora de YHWH.

No lado esquerdo, os portadores têm o rosto de touro. O gado de maior porte constituiu uma grande riqueza para os Israelitas porque servia tanto para o alimento como para o trabalho.<sup>102</sup> No oriente antigo, o touro era símbolo de força e fecundidade. Por isso, nas religiões desta região ele se tornou o atributo do deus Baal, deus do tempo, e do supremo deus El.<sup>103</sup> No povo de Israel o bezerro tornou-se imagem do Deus YHWH por causa da sua força e induziu o povo no deserto do Sinai e, mais tarde, as dez tribos do norte no pecado da idolatria. Uma importância particular possui o touro como animal para o sacrifício, como o descreve o livro do Levítico. Os primogênitos masculinos do homem e dos animais domésticos eram consagrados ao Senhor. Os meninos e os filhotes dos burros tinham que ser resgatados, mas os bezerros, cordeiros e cabritos deviam ser sacrificados ao Senhor.<sup>104</sup> Este preceito evidencia o significado do touro como vítima nos sacrifícios.

Como quarto rosto, temos o da águia que, segundo a lógica do texto, deve olhar para a quarta direção, isto é, para trás, ou para o oriente. Na Sagrada Escritura a águia se distingue pela sua velocidade,<sup>105</sup> seu vôo alto<sup>106</sup> e pela sua força regeneradora na imagem da juventude restaurada.<sup>107</sup> No livro de Ezequiel, a águia representa também os reinos do norte que executam o juízo de Deus sobre o seu povo.<sup>108</sup> A águia é um dos poucos

---

<sup>100</sup> Cf. *Nm* 24,9; *Gn* 49,9; *Dt* 33,22.

<sup>101</sup> Cf. *Is* 31,4; *Os* 11,10.

<sup>102</sup> Cf. *Jó* 1,3.

<sup>103</sup> Cf. C. FREVEL, *Stier*. I. *Stierkult*, em: *LThK* IX, 998-999; KEEL, *Bildsymbolik*, 192-196.

<sup>104</sup> Cf. *Nm* 18,17.

<sup>105</sup> Cf. p.ex. *2Sm* 1,23; *Jr* 4,13; *Lm* 4,19.

<sup>106</sup> Cf. p.ex. *Jó* 39,27; *Pr* 23,5.

<sup>107</sup> Cf. *Sl* 103,5; *Is* 40,31.

<sup>108</sup> Cf. *Ez* 17,3.7; cf. também *Dt* 28,49; *Jr* 48,40; *Os* 8,1.



animais com os quais Deus se identifica, neste caso pela imagem das asas que protegem e abrigam.<sup>109</sup>

Resumindo, podemos constatar que a imagem dos quatro rostos indica que o trono de Deus foi erguido sobre as criaturas mais excelentes: sobre o leão, o mais forte dos animais selvagens, sobre o touro, o mais forte dos animais domésticos, sobre a águia, o mais forte entre as aves, e sobre o homem, que pela sua razão está elevado sobre todas as outras criaturas da terra.

Igualmente estes quatro seres revelam traços divinos: o homem é criado segundo a imagem de Deus,<sup>110</sup> YHWH se identifica com o leão e a águia, e, contra a vontade do Senhor Israel representa seu Deus com a imagem do bezerro, que é um animal consagrado ao Senhor nos sacrifícios.

Em 10,20, Ezequiel declara que os Seres Vivos são querubins e os insere, portanto, nos coros angélicos de seres espirituais. Apesar de tudo isso, estes quatro portadores da Glória do Senhor ficam na escuridão do mistério, mesmo podendo decifrar o significado de algumas qualidades suas.

### Versículo 11

A expressão **וּפְנֵיהֶם**<sup>111</sup> no início do versículo podemos interpretá-la como repetição final do tema *rosto*: e “estes foram os seus rostos”. Na nossa tradução, porém, vimo-lo em paralelo com **וּכְנָפֵיהֶם**<sup>112</sup>. Os rostos e as asas estavam orientados para cima. Com respeito aos rostos isto significa que cada um dos seres tinha em baixo um só corpo em forma humana, enquanto em cima se distinguiu em quatro rostos, olhando para as quatro direções cardeais. As asas orientadas para cima significam que estavam estendidas para cima, de modo que o lado de uma asa tocava o da outra.<sup>113</sup> Este versículo nos lembra de *IRs* 8,7 onde os querubins no templo de Salomão estendiam suas asas sobre a arca da aliança.

A forma **גְּיִתֵיהֶנָּה**<sup>114</sup> é um *hapax*, mas podemos interpretar com facilidade o sufixo como da 3ª pessoa plural do feminino. Em *Ez* 1,23

---

<sup>109</sup> Cf. *Ex* 19,4; *Dt* 32,11.

<sup>110</sup> Cf. *Gn* 1,27.

<sup>111</sup> *ûpnêhem* – e os rostos deles.

<sup>112</sup> *wkanâpêhem* – e as asas deles.

<sup>113</sup> Cf. *Ez* 1,9.

<sup>114</sup> *gawiyôîêhenâh* – o corpo deles.

esta palavra aparece pela segunda vez, mas aí possui a forma normal do sufixo masculino. A palavra גְּוִיָּה <sup>115</sup> significa geralmente corpo ou cadáver. Conforme a *Gn* 47,18 e *Ne* 9,37 pode ser usada também como substituição da pessoa humana numa frase reflexiva. Conforme a isto a expressão em *Ez* 1,11 poderia significar que os Querubins se cobriam com as asas como com uma veste, assim como os Serafins em *Is* 6,2 escondiam suas pernas com as asas.

## Versículo 12

Este versículo repete 9b com o acréscimo: הַרְוַח לְלֶכֶת יִלְכֹּן: אֵל אֲשֶׁר יְהִי־שָׁמָּה <sup>116</sup>. Desta forma recebemos a explicação definitiva como os Seres Vivos se estão movendo: é o espírito que os dirige. רִוַח <sup>117</sup> em Ezequiel pode significar vento ou uma das direções cardeais. <sup>118</sup> Mas muitas vezes é uma força divina irresistível, a qual faz o homem falar profeticamente, <sup>119</sup> ou faz o homem mover-se poderosamente de um lugar para o outro. <sup>120</sup> Em outros lugares, o espírito é uma força interna do homem, dada por Deus, que o faz viver e o capacita para pensar e agir. <sup>121</sup>

Parece que o espírito que move os Seres Vivos pertence a esta última categoria, porque em 1,20 se diz que o espírito habita dentro dos seres e que o espírito dos Seres Vivos está também nas rodas. Mas não se fala que o espírito tivesse levantado ou carregado os seres ou as rodas, como em *Ez* 3,14, mas somente que os seres foram para onde o espírito quis ir. O espírito que Deus tinha doado aos Seres Vivos exigia a sua colaboração. Neles, ele se torna princípio e força vitais, sem suspender a sua responsabilidade individual. O espírito de Deus move uma criatura com força irresistível somente quando esta não é capaz de fazê-lo com meios próprios. Vemos isto no exemplo do profeta, que caiu no chão sem forças, ou que percorreu a distância Jerusalém – Babilônia em um só momento. <sup>122</sup>

---

<sup>115</sup> gōwīyāh – *corpo*.

<sup>116</sup> ׀el ׀āšer yiḥyeh-šāmmāh hārūaḥ lāleḳeṭ yēlēḳū – *aonde for o espírito no andar eles vão*.

<sup>117</sup> rūaḥ – *espírito*.

<sup>118</sup> Cf. p.ex. *Ez* 1,4; 5,2; 13,11; 17,10; 42,16.

<sup>119</sup> Cf. *Ez* 11,5.

<sup>120</sup> Cf. *Ez* 3,12.14; 8,3; 11,1.24; 37,1; 43,5.

<sup>121</sup> Cf. p.ex. *Ez* 2,2: 3,24; 11,19; 36,26-27; 37,5-14; 39,29.

<sup>122</sup> Cf. *Ez* 2,2: 3,24; 8,3; 11,24.

A locomoção é sinal de vida que o espírito dá.<sup>123</sup> Se os portadores do trono se movem na direção de cada um dos seus rostos sem precisar virar-se, isto significa que possuem uma plenitude de vida superior ao homem. Sua forma de vida está acima do homem, porque possuem capacidades que o homem não tem.

### Versículo 13

Com este versículo entramos no último parágrafo do texto em questão. Ele faz referência aos fenômenos naturais de v. 4 e os transfere para os Seres Viventes. Com efeito, o brilho de fogo e os relâmpagos não saem mais de uma nuvem. Parece que os olhos do profeta se acostumaram ao brilho e, assim, ele pode distinguir melhor e ver que os raios saem dos próprios portadores, os quais correm também como relâmpagos para lá e para cá.<sup>124</sup>

A palavra אֵשׁ<sup>125</sup> que aparece três vezes liga este versículo ao v. 1,4, a multiplicação de דְמוּת<sup>126</sup> e מְרִאָה<sup>127</sup> nos lembra do v. 1,5. Naqueles versículos descreve-se a aparência da visão inteira e, depois, o aspecto dos Seres Vivos em particular. O v. 13 procede de maneira inversa: primeiro fala da aparência dos portadores e, em seguida, menciona o brilho e os relâmpagos que saem deles. A semelhança consciente com o v. 1,5 nos evidencia que a figura humana dos portadores é mantida apesar do seu aspecto de fogo. Trata-se outra vez de elementos que, no seu valor simbólico, enriquecem a força expressiva da visão sem alterar a mensagem em geral.

Quanto às imagens dos carvões ardentes e das tochas acesas, encontramos-las com frequência na Sagrada Escritura. Paralelos interessantes podemos encontrar na teofania do Salmo de Davi em 2Sm 22 e Sl 18 (17).<sup>128</sup> Os espantosos fenômenos naturais que acompanham a presença de YHWH parecem-se muito com aqueles do livro de Ezequiel e frisam a grandeza de Deus como também a impotência do vidente. Também a

---

<sup>123</sup> Cf. Ez 37,10.

<sup>124</sup> Cf. Ez 1,14.

<sup>125</sup> אֵשׁ – fogo.

<sup>126</sup> דְמוּת – forma.

<sup>127</sup> מְרִאָה – aspecto.

<sup>128</sup> Cf. 2Sm 22,9-13; Sl 18,9-14.

aparição de Deus na sarça foi pelo fogo<sup>129</sup> e, depois, no Sinai pareceu que toda a montanha sobre a qual YHWH tinha descido estava em chamas.<sup>130</sup> Daniel tinha uma aparição cujo aspecto se parecia a tochas e relâmpagos e a qual lhe roubou toda a força, como a Ezequiel.<sup>131</sup>

Os carvões e o fogo põem a visão no âmbito da liturgia, porque aludem ao sacrifício do incenso do sumo sacerdote no santo dos santos.<sup>132</sup> e ao fogo do altar dos holocaustos.<sup>133</sup> As tochas recordam a aliança de Deus com Abraão onde também estava um bezerro entre os animais sacrificados.<sup>134</sup>

O fogo, porém, não significa somente a ira de Deus,<sup>135</sup> mas também a salvação e a intervenção do salvador de Israel.<sup>136</sup> Sansão e Gedeão conseguiram a libertação do povo dos seus inimigos com a ajuda de tochas<sup>137</sup> e YHWH dá ao seu povo a vitória na guerra fazendo os carros e os guerreiros velozes e fortes como relâmpagos e tochas.<sup>138</sup>

Se aqui se atribui aos portadores do trono de Deus o aspecto como de fogo podemos concluir a partir daí a grandeza e majestade daquele que está sentado sobre o trono. Pois a glória de YHWH se comunica aos seus servidores que estão prontos a executar em cada momento sua ira ardente, mas também sua intervenção salvadora em favor do seu povo.

A expressão מִתְהַלְלֵת<sup>139</sup> pode indicar que o brilho de fogo foi visível também por entre os Seres Vivos e se refletiu neles. No v. 7 vimos que os portadores brilhavam como bronze polido. Assim podemos imaginar como seria grande o brilho do fogo e seus reflexos no meio dos portadores. Para o profeta foi certamente um espetáculo nunca visto antes, o

---

<sup>129</sup> Cf. *Ex* 3,2.

<sup>130</sup> Cf. *Ex* 20,18; *Dt* 4,11; 5,23; 9,15.

<sup>131</sup> Cf. *Dn* 10,6.

<sup>132</sup> Cf. *Lv* 16,12.

<sup>133</sup> Cf. *Lv* 6,5.

<sup>134</sup> Cf. *Gn* 15,17.

<sup>135</sup> Cf. *Nm* 11,1.3; *Sl* 79,5; 83,17; 89,47; 106,18; *Is* 30,27.33; *Jr* 4,4; 21,12; *Lm* 2,3; *Ez* 21,36.

<sup>136</sup> Cf. *Is* 10,17; 62,1.

<sup>137</sup> Cf. *Jz* 7,16.20; 15,4-5.

<sup>138</sup> Cf. *Na* 2,5; *Zc* 12,6.

<sup>139</sup> *mithalleket* – *caminhando*.

qual ele tenta cuidadosamente revestir com palavras que se aproximam, passo por passo, do mistério.

O brilho que no v. 4 envolve a nuvem aparece no versículo 13 diretamente no centro da visão. De certa forma está tomando o lugar do ouro branco que aqui não é mencionado. Mas agora descreve-se mais detalhadamente o fogo flamejante: saíram relâmpagos do fogo. Aqui temos também um paralelo gramatical: no v. 4 e v. 13 temos um participio feminino singular do *Hitpael*.<sup>140</sup>

בִּרְקָה<sup>141</sup> no final do versículo evoca mais uma vez o ambiente da teofania.<sup>142</sup> Os fenômenos demonstram o poder de Deus sobre a natureza e sobre seus inimigos<sup>143</sup> que se pode comunicar também aos seus servidores. Todo o versículo contém um grande clímax: começa com os carvões ardentes e as tochas acesas e vai através do fogo até ao relâmpago que, na sua claridade e energia, supera todas as outras fontes de luz e calor. Também João, no Apocalipse, vê como saem raios do trono de Deus.<sup>144</sup> Esta energia imensa de luz e calor, inerente aos relâmpagos, é usada frequentemente pelos hagiógrafos para indicar a presença de Deus.

## Versículo 14

O ponto culminante da dinâmica é alcançado no v. 14. Aqui os Seres Viventes não somente se movem em todas as direções e sob a moção do espírito, mas correm com a força e a velocidade dos relâmpagos. O profeta exprime-se, de novo, com muito cuidado: “como o aspecto de”, ou talvez possamos traduzir um pouco mais livremente: “conforme à maneira de”. O verbo רָצָה<sup>145</sup> é o mais dinâmico de toda a nossa unidade de texto. O movimento pendular, expresso pelo verbo שׁוּב<sup>146</sup> também exprime uma medida de energia muito grande que cada um pode sentir, quando quer imitar este movimento movendo-se rapidamente para cá e para lá. Para o

---

<sup>140</sup> *Hitpael* é uma forma do verbo hebraico que pode exprimir uma ação reflexiva e intensa.

<sup>141</sup> *bārāq* – relâmpago.

<sup>142</sup> Cf. *Ex* 19,16; *2Sm* 22,15; *Sl* 18,15; 77,19; *Dn* 10,6.

<sup>143</sup> Cf. *Jó* 38,35; *Sl* 97,4; 135,7; 144,6; *Jr* 10,13; 51,16; *Na* 2,5; 3,3; *Hab* 3,11; *Zc* 9,14.

<sup>144</sup> Cf. *Ap* 4,5.

<sup>145</sup> *rāṣāʔ* – correr.

<sup>146</sup> *šûb* – voltar.

termo *relâmpago* o autor não usa a palavra comum בָּרָק<sup>147</sup> como em v. 13, mas a palavra neo-hebraica בָּזָק<sup>148</sup>, que não tem paralelo no AT.

Neste último versículo, a aparição que se aproximava com grande majestade recebe um caráter muito dinâmico. Também os Seres Vivos que, até então, pareciam como as colunas do trono de Deus, agora se movem com a velocidade dos relâmpagos. Esta impressão é ainda intensificada quando se fala, em seguida, das rodas, já que o movimento está na natureza das rodas. Também aqui o profeta amontoa várias idéias, uma em cima da outra, para descrever o melhor possível a impressão esmagadora que a visão causou nele. Certamente revelam os Seres Vivos, portadores do trono de Deus, como algo de estático e majestoso. Mas esta característica não nos deve induzir a negar-lhes o seu caráter dinâmico. E é exatamente este aspecto dinâmico que aproxima os Seres Vivos aos seres espirituais, os anjos, que não podem ser medidos segundo as nossas categorias materiais e humanas, mas se movem com a velocidade do espírito, segundo as próprias leis e num espaço espiritual que se subtrai à nossa capacidade de compreensão.

### III. Conclusão

Neste artigo analisamos as palavras e a linguagem de *Ez* 1,4-14, querendo penetrar no significado destes seres misteriosos que carregam a Glória de Deus na visão inaugural do livro de Ezequiel. Surpreendemo-nos constantemente com a maneira cuidadosa e engenhosa do profeta ao exprimir, com palavras humanas, o que não pode ser enquadrado na nossa linguagem tão limitada. Por isso, o hagiógrafo faz muitas comparações e amontoa várias imagens, uma em cima da outra, para poder transmitir as suas experiências.

Começando com a descrição da visão que se aproxima, Ezequiel recorre aos elementos típicos de uma teofania, tirados dos fenômenos cósmicos de fogo e tempestade. Depois, descreve os quatro portadores da Glória de Deus que, para a sua sublime missão, devem estar dotados de capacidades extraordinárias. Por isso têm quatro asas. Mas não precisam das asas para se moverem, mesmo que estas sejam os instrumentos normais dos seres espirituais para se moverem. Os nossos Seres Vivos não necessitam

---

<sup>147</sup> bārāq – *relâmpago*.

<sup>148</sup> bāzāq – *relâmpago*.

de elementos materiais. É o Espírito Santo, está presente neles, que os move e conduz aonde Ele quer. As asas servem somente para sustentar o trono de Deus e para cobrirem seu corpo. Além das asas, eles têm mãos humanas e pernas de bezerro. Podemos ver aqui a habilidade artística do homem junto com a força grande e domesticada do touro.

O mais difícil para imaginar são os quatro rostos que olham para as quatro direções cardeais. Neles vemos o grande conhecimento dos Seres Vivos, que vêem em todas as direções, e ao mesmo tempo a capacidade de estar sempre na presença de Deus. Por causa dos quatro rostos, os seres conseguem andar em todas as direções, o que lhes confere uma grande liberdade, negando-lhes as limitações que nós homens sofremos. Também entendemos que os quatro rostos reúnem o que há de mais nobre e poderoso na criação. O brilho que envolve os seres vem da Glória de Deus. Vemos estes quatro portadores como inundados na majestade e santidade de Deus, parecendo infinitamente superiores a nós homens. E, apesar disso, o profeta sempre menciona de novo o seu aspecto humano. Isto talvez, para não confundir os Seres Vivos com seres legendários ou mitológicos de forma animalesca tirados da cultura do antigo oriente na qual viviam os contemporâneos do profeta, mas também para frisar uma certa proximidade aos homens.

Desta maneira, os Seres Vivos se tornam seres mediadores. Sua função é comunicar o poder e a salvação de Deus aos Israelitas no exílio. Eles levam a santidade de Deus para o lugar, onde parece haver somente desespero e perdição, para trazer aos homens consolação e infundir-lhes confiança.

Ezequiel chama estes seres de Querubins. Este nome designa o segundo coro da hierarquia angélica, conhecida pelos judeus e cristãos. Assim, a descrição de Ezequiel nos ajuda a compreender a grandeza e força dos santos Anjos. Realmente não temos palavras humanas que possam exprimir adequadamente a natureza destes seres espirituais. E, apesar disso, são eles que nos revelam a santidade de Deus, como ao profeta Ezequiel e que, pela presença de Deus neles, nos transmitem a salvação e a graça de Deus.

Tarcisius Seeanner ORC

## Abreviações

AT	Antigo Testamento
cf.	<i>confer</i> (confira)
DV	<i>Dei Verbum</i> (Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Divina Revelação)
etc.	<i>et cetera</i> (e outros)
Ez	Ezequiel
NT	Novo Testamento
p.ex.	por exemplo
sc.	<i>scilicet</i> (isto é)
v.	versículo(s)
YHWH	Javé, Nome de Deus no AT que faz referência ao seu Ser.

## Bibliografia

- ALLEN, L. C., *Ezekiel 1-19* (Word Biblical Commentary 28), Dallas 1994.
- ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J.L., *Profetas II. Ezequiel, Profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias* (Grande Comentário Bíblico), São Paulo 1991.
- AMBROSIUS VON MAILAND, *Expositio Evangelii secundum Lucam* (CSEL 32), Wien 1902.
- BARTHÉLEMY, D., *Critique Textuelle de l'Ancien Testament*, Tome 3. *Ézéchiel, Daniel et les 12 Prophètes* (OBO 50/3), Fribourg – Göttingen, 1992, 5-8.
- BEHRENS, A., *Prophetische Visionsschilderungen im Alten Testament. Sprachliche Eigenarten, Funktion und Geschichte einer Gattung* (Alter Orient und Altes Testament 292) Münster 2002.
- BERTHOLET, A., *Hesekiel* (Handbuch zum Alten Testament I,13), Tübingen 1936.
- BLENKINSOPP, J., *Ezekiel* (Interpretation. A Bible Commentary for Teaching and Preaching), Louisville 1990.
- EICHRODT, W., *Der Prophet Hesekiel* (ATD 22), Göttingen 1966.
- EISEMANN, M., *The Book of Ezekiel. A New Translation with a Commentary Anthologized from Talmudic, Midrashic, and Rabbinic Sources* (Art Scroll Tanach Series), New York 1977.



- FREVEL, C., *Stier. I. Stierkult*, em: *LThK IX*, Freiburg <sup>3</sup>2000, 998-999.
- FUHS, H. F., *Ezechiel 1-24* (NEB.AT), Würzburg 1984.
- GIRARD, M., *Os Símbolos na Bíblia. Ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*, São Paulo 1997.
- GREENBERG, M., *Ezechiel 1-20* (HTKAT), Freiburg – Basel – Wien 2001.
- GREGORIUS MAGNUS, *Homiliae in Hiezechielem Prophetam* (CChr. SL 142), Turnhout 1971.
- HALPERIN, D. J., *The Faces of the Chariot. Early Jewish Responses to Ezekiel's Vision* (Texte und Studien zum Antiken Judentum 16), Tübingen 1988.
- JOÜON, P. – MURAOKA, T., *A Grammar of Biblical Hebrew* (Subsidia Biblica 14/1+2), Roma 2000.
- KEEL, O., *Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament. Am Beispiel der Psalmen*, Darmstadt <sup>3</sup>1984.
- , *Jahwe-Visionen und Siegelkunst. Eine neue Deutung der Majestätsschilderungen in Jes 6, Ez 1 und 10 und Sach 4* (SBS 84/85), Stuttgart 1977.
- KELLEY, P. H., *Hebraico Bíblico. Uma Gramática Introdutória*, São Leopoldo <sup>6</sup>2007.
- KOEHLER, L. – BAUMGARTNER, W., *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament*, Leiden <sup>3</sup>1967-1974, I-II.
- KRAETZSCHMAR, R., *Das Buch Ezechiel* (Handkommentar zum Alten Testament III,3,1), Göttingen 1900.
- LAMELAS MÍGUEZ, J., *Ezequiel*, em: *Comentario al Antiguo Testamento II*, Madrid – Salamanca <sup>2</sup>1997, 181-238.
- LAUNDERVILLE, D., *Ezekiel's Cherub: A Promising Symbol or a Dangerous Idol?*, em: *CBQ* 65 (2003) 165-183.
- PARUNAK, H. v. D., *The Literary Architecture of Ezekiel's Mar 'ôt , 'Ēlōhîm*, em: *JBL* 99/1 (1980) 16-74.
- PODELLA, T., *Das Lichtkleid JHWHs. Untersuchungen zur Gestalthaftigkeit Gottes im Alten Testament und seiner altorientalischen Umwelt* (Forschungen zum Alten Testament 15), Tübingen 1996.
- POHLMANN, K.-F., *Das Buch des Propheten Hesekiel (Ezechiel)*, I. Kapitel 1-19 (ATD 22/1), Göttingen 1996.

- PSEUDO-DIONYSIUS AREOPAGITA, *De coelesti Hierarchia, u.a.* (PTS 36), Berlin 1991.
- RENDTORFF, R., *Teologia dell'Antico Testamento. I. Sviluppo Canonico* (Strumenti, 5 Biblica), Torino 2001.
- RIGHETTI, M., *Manuale di Storia Liturgica. IV. I sacramenti, i sacramentali, indici*, Ancona – Milano <sup>2</sup>1959.
- RÜTERSWORDEN, U., *Kerubim u. Seraphim*, em: *LThK* V, Freiburg <sup>3</sup>1996, 1405s.
- SMEND, R., *Der Prophet Ezechiel* (Kurzgefasstes exegetisches Handbuch zum Alten Testament 8), Leipzig <sup>2</sup>1880.
- THOMAS VON AQUIN, *Summa Theologica* (Die Deutsche Thomas-Ausgabe 8), Köln 1951.
- , *Catena Aurea in quatuor Evangelia. I. Expositio in Matthaeum et Marcum*, Taurini – Romae 1953.
- UEHLINGER, C., – MÜLLER TRUFAUT, S., *Ezekiel 1, Babylonian Cosmological Scholarship and Iconography: Attempts at Further Refinement*, em: *TZ* 57 (2001)140-171.
- VOGT, E., *Untersuchungen zum Buch Ezechiel* (AnBib 95), Roma 1963, 72-88.
- WEVERS, J. W., *Ezechiel* (NCBC), Grand Rapids 1982.
- ZIMMERLI, W., *Ezechiel* (BK 13/1), Neukirchen-Vluyn 1969.
- ZORELL, F., *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*, Roma 1989.

## Índice

I. Introdução.....	6
II. Análise linguística de <i>Ez</i> 1,4-14.....	7
1. Observações preliminares.....	7
2. Análise de <i>Ez</i> 1,4-14.....	7
Versículo 4.....	7
Versículo 5.....	11
Versículo 6.....	12
Versículo 7.....	15
Versículo 8.....	16
Versículo 9.....	16
Versículo 10.....	18
Versículo 11.....	21
Versículo 12.....	22
Versículo 13.....	23
Versículo 14.....	25
III. Conclusão.....	26
Abreviações.....	28
Bibliografia.....	28

